

tação do que houve de mais magnânimo no mundo.

E apresentou-lhe uma caixa em que estava guardado o crucifixo.

D. Carlota depois de agradecer-lhe mostrou-o ás suas amigas da mesma idade della e cada uma principiou a tecer elogios á nobre expressão do rosto, ao bem torneado das pernas etc, seguindo-se dahi um exame critico da sagrada Pessoa alli representada.

Emquanto estavam as matronas empregando expressões de louvor ou censura ao crucifixo, Alberto tendo visto Julia com suas amigas em uma outra sala, para lá dirigiu-se.

Depois das trocas costumadas das amabilidades do estudante com as moças que formavam sempre a sociedade de Julia, perguntou-lhe uma dellas :

— Sr. Alberto, o-que mais aprecia nas moças? Diga-nos francamente e sem procurar rodeios.

— Si fosse simples apreciador, diria que a belleza, si poeta, que o espirito, si pessimista, que nada...

— Como, disse uma outra, pois não encontra nas moças nada de bom?

— Deus livre-me de tal. Eu gosto das moças pelo seu coração sensível, pelas suas graças, pelo seu espirito, e condição essencial para mim, pelo seu dote.

— Como, disse Julia, pois o senhor gosta só das moças ricas? Não o sabia.

— Gosto, sim senhora, das moças ricas, isto é, daquellas que não são pobres de intelligencia, educação e instrucção, cousas estas que para mim constituem o melhor dote da mulher.

— Bem! disse Julia, já arrependeu-se da sua irreflexão. Agora, diga-nos qual a razão porque ha homens que não acham nas senhoras lado algum bom.

— Infelizmente ha homens que são deste parecer, e o que mais infeliz ainda é, é que muitas vezes tem razão.

— Explique-nos qual a razão, porque é isto o que a muito lhe pedimos.

— Já lá chegarei. A nossa sociedade actual tem feito timbre em ser materialista até o cynismo. Só tem valor para ella o dinheiro, porque a elle nada resiste no mundo. Assim, pois, a mulher sem dinheiro de nada serve. Além disso, cuidando mais do preço porque ha de vender a mulher a um marido materialista, descuida completamente do espirito para só tractar da belleza do corpo, de fórma que a maior parte são destituidas de instrucção porque tem dinheiro bastante, e a outra parte o são também porque não o tem para ir tomar mestres que aperfeiçoem a pouca instrucção que receberam de seus paes.

— Então, em todo o caso, disse uma outra das moças, acha o sr. Alberto que em geral não somos instruidas?

— Não tanto como o deviam. Actualmente a educação das moças cifra-se em pouca cousa, isto é, em saber bordar, dansar e cantar. Si sabem ler é porque...

— Porque? perguntaram todas a um tempo. Alberto ficou algum tanto enleado, mas depois completou a phrase meio risonho.

— E' porque os paes acham feio que suas filhas desconheçam uma cousa que muitas das suas creadas conhecem.

— Esta ainda é melhor, sr. Alberto, disse Julia. Mas continue.

— Quanto á escripta, é uma lastima ver-se duas linhas de qualquer manuscrito de muitas senhoras. Erros crassos de orthographia, e talhe de letra hediondo, eis o que tem-se visto em quasi todos.

— Este sr. Alberto está hoje disposto a muito maltractar-nos, disse Julia.

— Eu o que fiz foi dar-lhes a opinião demuitos homens, e a mais geral á respeito do que as senhoras fizeram-me a honra de interrogar.

— Mas, disse Julia, esta opinião não é a sua, como já nos disse.

— E' exacto, não é a minha, a minha já ha muito que declarei qual era. Gosto da moça que tenha educação, instrucção e seja amavel.

— Concordo, disse Julia. Mas vamos a uma ultima pergunta a esse mesmo respeito. Si o senhor encontrar uma senhora muito rica e amavel gostará della?

— Si faltar-lhe a educação por certo que apreciá-la-hei, mas não lhe acharei attractivos. Bem pelo contrario, lastimarei a sorte do infeliz que tiver a desgraça de unir o seu futuro ao della, porque ella desconhecendo a sublimidade do destino marcado para uma boa mãe de familia, procurará satisfazer todos os seus caprichos, porque trouxe fortuna para isso, calcará aos pés a sua dignidade e a de sua familia, e irá cabir no peor despenhadeiro que se abre aos pés de uma mulher virtuosa.

— Mudemos de assumpto, disse Julia, porque o sr. Alberto está hoje muito máu.

— Concordo, mesmo porque este não é o de que mais gosto de discutir.

E a conversa ia tomar novo rumo quando foi interrompida com a chegada de novas visitas.

Alberto retirou-se para o jardim a respirar o ar fresco da tarde que já começava.

(Continua.)

VARIEDADE

CONTOS DA SERRA

II

O JUDEU ERRANTE

Vou agora contar-te uma desgraça de que foi theatro esta serra, e que veio torná-la ainda mais assustadora, continuou o sertanejo dirigindo-se ao viajante.

Ha bastante tempo veio de serra abaixo um homem muito pallido, ou antes de côr da cera.

Custava muito a andar e respirava com muito custo. A' noite gemia extraordinariamen-

te, gritava e lastimava-se. Não tinha morada.

Por charidade é que, ora um ora outro morador d'aqui, dava-lhe uma pousada. Quanto á sua doença ou motivo de seus males, elle era mudo como uma pedra, ou então indicava o coração sem nada dizer.

— Como chamava-se elle, pergantou o viajante?

Não o sei, responderen o sertanejo, porque o nome era estrangeiro e difficil de reter-se.

— Então continue.

A's vezes sahia durante a noite e ia divagar pela serra. Quando cansava principiava a lastimar e blasphemar.

Uma noite em que chovia á cantaros, notouse, com bastantesusto, que o estrangeiro doente, como era elle conhecido, não se achava na casa na qual lhe tinham dado pousada.

Era mais de meia noite e ouviu-se do lado d'aquelle morro, (e o moço indicou um monte fronteiro á casa) dous sons fortes como os de tiros de espingarda, e pouco depois gritos de quem pedia soccorro.

O povo alvoroçado sahio em bandos com archotes e lanternas dirigindo-se para o lado donde elles partiam.

Quando chegaram perto do lugar ficaram admirados por ver que a ponte estava cortada.

Gritaram, perguntando, áquelle que pedia soccorro, e que não se via, como passar-se para soccorrê-lo.

Uma voz rouca e enfraquecida respondeu dizendo que, o estrangeiro doente ferira-o e andava por aquelles matos armado com uma espingarda resolvido a matar quem d'alli se approximassem.

Desesperado o povo por não poder ir soccorrer o infeliz, principiou a apanhar os maiores paos que alli encontrou e, collocando-os sobre o vallo, fez uma ponte pela qual passou.

Tendo conseguido assim chegar ao lado opposto dirigiu-se para o lugar donde partiam os gritos, e encontrou um pobre homem todo esfomeado e amarrado a uma arvore.

Immediatamente o vigario disse que queria confessá-lo.

O povo retirou-se.

Pouco tempo esteve o vigario com o ferido porque este morreu logo depois de sacramentado.

Reunindo então o povo o vigario dirigiu-se com elle para o interior do mato em procura do assassino.

Só ao amanhecer é que foi encontrado.

O vigario exhortou-o a que se entregasse e se arrependesse.

Elle conservou-se por alguns instantes silencioso, depois disse :

— Não, meus amigos, não! Não me entrego a vós porque não confio na justiça da terra. Quando muito, ouvir-me-ha em particular o sr. vigario. Depois farei então o que muito bem me aprouver.

O povo retirou-se á pedido do vigario, e este

foi falar com o assassino, o qual principiou a contar o que segue-se.

— Mas, perguntou o viajante, sabes o que elle disse?

— Sei, e todos o souberam porque o assassino pediu ao vigario que tudo contasse.

— Neste caso póde continuar.

— Pois bem, disse o sertanejo, eis a narração que elle fez.

Eu era bom e justo porque meus paes deram-me uma educação religiosa e scientifica tão completa quanto era possível. Cursei as melhores escholhas da Europa, ouvi os melhores mestres, frequentei a melhor sociedade e alliei-me pelo casamento a uma das mais nobres e ricas familias da Allemanha.

Joven e entusiasta, uni o meu destino ao de uma mulher loura e encantadora como só podem os poetas imaginar.

Fui feliz nos primeiros mezes de meu casamento.

Um dia, porém, minha mulher aconsellhou-me que fosse visitar minha mãe, que morava em outra cidade e que estava doente. Não ia, disse-me ella, porque estava um pouco indisposta.

Parti.

No caminho entregaram-me uma carta anonyma em que se me avisava que ella era-me infiel.

Ferido no coração, voltei desesperado, e encontrei-a conversando com um extranho com uns modos tão desenvoltos, e vestida com tanta indecencia que seduziria o mais casto dos homens.

Louco, atirei-me sobre a mulher infiel, agarrei-a pelo pescoço, suffoquei-a com toda a força de meus pulsos até vê-la contorcer-se e expirar.

Oh! foi um momento então este de um prazer e de uma dôr inexplicaveis!

Procurei o seu amante e já não encontrei-o.

Olhei para o corpo de minha mulher e vi, pendente do pescoço, um medalhão de ouro.

Tirei-o, abri-o, e encontrei n'elle o retrato do seu amante.

Guardei-o e fugi.

No dia seguinte embarquei, fugitivo e almejando vingança, no wagon das 4 horas da manha.

Dirigi-me para a França e alli soube que o homem que me tornára assassino embarcára-se no vapor francez com destino para o Brazil.

Quinze dias depois tambem embarquei. Logo que puz pé no Rio de Janeiro dirigi-me ao consul para indagar sobre o destino do seductor de minha mulher.

Soube que para aqui se dirigira.

Ha seis annos que o procuro.

Apanhei estas doenças por andar dia e noite, com sol e com chuva, por estas villas e aldeias, subindo e descendo morros em procura delle.

Hontem á noite a Providencia guiou-me para esta serra e encontrei-o descendo. Sem conhecer-me, perguntou me o caminho para a villa, pois que tinha-se perdido.

Pela voz reconheci-o e, para certificar-me, perguntei-lhe o nome. Disse-m'o, e possuido do mais forte impeto do odio, atirei sobre elle e feri-o.

Cahi do cavallo.

Dando-me a conhecer, fui ferindo-o á medida que eu soletrava o nome de minha mulher e o meu.

Tantas letras compunham os nossos nomes quantos golpes dei-lhe no coração e no resto do corpo.

.....
Eis, sr. cura, a historia da minha vida.

Não entrego-me á justiça nem arrependo-me da vingança.

Si morrer, morro satisfeito. Adeus!

Deixou o vigario e ia internar-se pelo mato quando este chamou-o, querendo prendê-lo.

Não tente segurar-me, disse elle. E' tempo perdido.

O vigario chamou então o povo, convidando-o a auxilia-lo na prisão do assassino.

Quando viu o povo chegar para juncto do vigario soltou uma gargalhada e gritou:

Homens imbecis! querem prender-me e esquecem-se que, doente e sem forças, tive bastante coragem para vagar por estas serras inhospitas durante tantos annos sem receiar do tempo nem dos animaes bravios! Temerei então agora o vosso poder? Imbecis!

E soltou nova e estridente gargalhada que a floresta repercutiu.

O povo atirou-se para prendê-lo, porém ficou estupefacto vendo que elle, parado, rindo-se, e encarando fixamente a todos, sumia-se a pouco e pouco da terra.

Em breve não apparecia sinão o rosto todo avermelhado.

Gritou de novo:

Maldição!... Maldição!... Povo, assistis a um espectáculo novo para vós!... E' o principe de *** que foge da terra!... Maldição!

E desapareceu de todo.

Quando o sertanejo acabou de falar corria-lhe o suor em bagas pelo rosto, e disse:

Eis a historia que o vigario nos contou.

Não achas que foi uma morte estúpida a daquelle principe rico e sabio enterrando-se por sua propria vontade n'um atoleiro?

Isto é horrivel, não é?

SILVA GUIMARÃES.

Excentricidades de alguns homens notaveis

O Thebano Epaminondas, heroe das batalhas de Leuctra e Mantinéa, tão memoravel por feitos de armas como por virtudes, de quem diz um historiador latino que era tão amante da verdade que nem zombando mentia, folgava muito de ir cantar aos festejos das aldeães.

Scipião e Lelio gostavam de divertir-se fazendo ricochetes com pedrinhas pela superficie das aguas.

Sabida é a hostil antipathia de Domiciano com as moscas, que passava horas inteiras a matá-las encerrado no seu quarto; mas não

admira que este monstro de infamia e crueldade tomasse tal desenfado, porque não era balda, era ensaio para as tyrantias de que foi criminoso. Assim mesmo esta antipathia do ferino imperador romano contra um insecto que incomoda, não é tão extravagante como a do grande philosopho o chanceller Bacon com as rosas que tão agradaveis são á vista pelo brilho e viço das côres como ao sentido do olfacto pela fragrancia dos aromas que exhalam; salvo si a aversão que Bacon tinha ás rosas procedia do tedio que lhe causavam os maus versos que os poetas de sua época faziam a essa flôr mimosa.

Alexandre Severo, que tambem cingiu a corôa de Roma, que no seu camarim particular, abnegando o culto mythologico do paganismo, fez uma collecção de deuses exoticos escolhendo-os entre os mais afamados sabios da Grecia, era preoccupado por outra mania mais difficil de explicar. Gostava muito de vêr pelejar cães d'agua com marrões ou porcos pequenos; e para esse fim os industriava. O grande naturalista Buffon que por certo conhecia bem a historia antiga, nunca de tal cousa se lembrou para a pôr em practica; comtudo não deixava de ser entusiasta apreciador dos leitões de côr preta; e isto era tambem mania, porque tractando largamente do porco em sua obra magistral não dá nem poderia dar rasão do seu gosto.

POESIA

ANJO DA REDEMPÇÃO

Como foi? Seria sonho
Ou mimosa phantasia?
Despertou-me tão risonho
E tirou-me do medonho
Soffrimento em que vivia!

Eu achava-me entristecido
Todo entregue ao meu scismar
Quando esse anjo querido
Lá dos céus tando descido
Juncto a mim veio poisar!

E a orchestra não cessava
De expargir doce encanto;
E a viração farfalhava,
O ambiente se perfumava
D'um aroma sacro-santo!

Depois... olhou-me e sorriu
Se prostando juncto ao altar
E ao—Senhor—elle pediu
Que entre incenso e estrellas viu
No espaço desvendar.

Eu o vendo tão abysmado
Na mais contricta oração,
Cahi tambem ajoelhado
E adorei todo enlevado
Ao anjo da Redempção.

NOTICIARIO

Jornaes.—Temos recebido os seguintes periodicos: *Paulista*, *Tribuna Paulista*, *A Esperança*, *Commercio de Sanctos*, *Parahyba*, *O Pharol*, *Sapucahy*, *Diario Fluminense* e o *Independente*, a cujas redacções agradecemos não só a remessa de suas folhas, como as benevolas palavras com que acolheram-nos ao entrarmos para a arena da imprensa.

Publicação.—Fomos obsequiados com a linda valsa *A Rio Grandense*, que seu auctor, o distincto academico sr. Fernando Luiz Osorio delicadamente offereceu-nos.